



Anjos não Morrem
Uma homenagem a nossos pais
Olivo e Dorilde Piccin

Dilse Piccin Corteze



Dilse Piccin Corteze

Iniciou os trabalhos como professora no ano de 1975, no interior do município de Palmeira das Missões, aposentou-se no final da década de 1990. Neste tempo cursou Magistério de Segundo grau, faculdade de Estudos Sociais e História, Especialização em Metodologia de Ensino, sempre em férias. A partir da aposentadoria como professora Estadual, deu início a uma nova fase de sua vida. Com os filhos já crescidos, inicia seus trabalhos na rede particular de ensino e ao mesmo tempo retorna à Universidade onde faz seu segundo e terceiro curso de Especialização – História e Metodologia da Pesquisa – e logo o curso de Mestrado em História Regional na UPF, onde apresentou a dissertação sob o título, História Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, defendida com mérito, em 2002 e publicada no mesmo ano pela UPF sob o título, Ulisses va in America: História Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul – 1875-1914.

Hoje é professora da Rede Municipal de Ensino. É membro da Academia Passo-Fundense de Letras e Instituto Histórico de Passo Fundo. Tem vários artigos publicados sobre História e educação e também livros, sendo os principais: Ulisses va in America: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e História da Imigração, uma aventura da Itália ao Rio Grande do Sul.

A decorative graphic featuring a white outline of a halo and wings, positioned above the text. The halo is a simple oval shape, and the wings are stylized, with one on the left and one on the right, extending upwards and outwards. The entire graphic is rendered in a white outline style with a subtle drop shadow.

Anjos não Morrem
Uma homenagem a nossos pais
Olivo e Dorilde Piccin

Dilse Piccin Corteze

Anjos não Morrem
Uma homenagem a nossos pais
Olivo e Dorilde Piccin



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative-Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Todas as fotos utilizadas pertencem ao acervo da família.

Revisão: Leoni Pezzini

Projeto gráfico e diagramação: Aline T. Fochi

C828a Corteze, Dilse Piccin

Anjos não morrem : uma homenagem a nossos pais
Olivo e Dorilde Piccin / Dilse Piccin Corteze. – Passo
Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

46050 Kb. ; PDF.

ISBN 978-858326-179-7

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

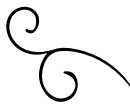
1. Piccin, Família. 2. Genealogia. 3. Rio Grande do Sul – História. 4. Migração – Itália. I. Título.

CDU: 929.52


Sumário

TENHA ORGULHO DE SEUS HUMILDES ANTEPASSADOS	7
LA MERICA	8
INTRODUÇÃO	11
1 A VINDA DE IMIGRANTES ITALIANOS PARA O BRASIL	13
2 A CHEGADA DA FAMÍLIA PICCIN	15
2.1 PIETRO PICCIN	19
2.1.1 GIUSEPPE	19
2.1.1.1 MICHELLE OU MIGUEL	20
3 FAMILIA RUBIN	23
4 FAMILIA STEFANELLO	25
5 OLIVO E DORILDE	29
6 ARVORE GENEALÓGICA DE OLIVO E DORILDE PICCIN	77
7 ANEXO	99
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	103





*Tenha orgulho de seus
humildes antepassados*



São as pessoas humildes que eu procuro,
O sal da Terra, por assim dizer,
Aqueles que domaram o solo bruto,
E fizeram nele as sementes florescer.

São estes que eu gosto de encontrar,
Quando mergulhada da genealogia.
E é apenas por orgulho que me deixo levar,
Refazendo seus passos para assim os imortaliza.

Aqueles que buscam heróis e ducados em cada história,
Não devem jamais se desapontar,
Ainda que descobrirem que os humildes bisnhas
Tinham somente as estrelas para contemplar.

G. McCoy

Fonte: The Sunny Side of Genealogy

**Lembrando com saudades e carinho meus queridos Pai Olivo,
mãe Dorilde e mana Leonila quero dizer que:**

Eu aprendi, como uma das maiores lições de vida, que eu precisava aprender com vocês a ser uma pessoa boa e produtiva quando crescesse.



La Merica

Da l'Italia noi siamo partiti
Siam partiti col nostro onore.
Trenta sei giorni di macchina e vapore
E in America siamo arrivà.

Merica, Merica, Merica,
Cossa sarala sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel mazzolino di fior.

A l'America noi siamo arrivati
Non abbiám trovato nè paglia e nè fieno
Abbiám dormito sul nudo terreno
Come le bestie abbiám riposà.

Ma l'America l'è lunga e l'è larga
È circondata da monti e da piani
E con l'industria dei nostri italiani
Abbiám formato paesi e città.

Tradução

Da Itália nós partimos
Partimos com a nossa honra
Trinta e seis dias de trem e vapor
E na América nós somos chegados

América, América, América
O que será esta América?
América, América, América
Um belo ramalhete de flores.

Na América nós chegamos
Não encontramos nem palha, nem feno
Dormimos no solo nu
Como animais repousamos

Mas a América é grande e é larga
É formada de montes e planícies
E com talento de nossos italianos
Fundamos vilas e cidades



Introdução

Nossa família atingiu um tamanho tão grande e se espalhou por este Brasil inteiro que já está difícil identificar todas as pessoas que a compõe. Quando falo “nossa família”, estou me referindo a formada por Olivo Luiz Piccin e Dorilde Stefanello Rubin, a partir de seu casamento, que ocorreu no dia 8 de junho de 1943. Desde aquela data, a família só tem crescido: são 14 filhos, dos quais 13 atingiram a idade adulta; 36 netos; 43 bisnetos; 1 tataraneta, e continua a crescer.

Nos últimos três anos, um fato repetitivo tem ocorrido na família, o que causou curiosidade entre as primas e uma necessidade imperiosa de comunicação entre elas e também uma busca em toda a parentada para verificar outros casos. Foi o nascimento de gêmeares. Nessa verificação, concluiu-se que este fato ocorre na família desde 1944, quando Olivo e Dorilde deram a luz suas primeiras filhas, Otilde e Otilia, gêmeas; depois foi a vez de Otilia e Maximino que, em 1965, tiveram seus primogênitos Izaldo e Iolene, também gêmeos. A partir de então, passou-se um longo tempo sem nascimentos duplos até que, em 2012, eles apareceram novamente. Desta vez, nasceram da neta Adelise e seu esposo Marcio as fofas Laura e Isabela; em 2014 foi a vez da neta Gabrieli e de seu esposo Fabio receberem Theo e Thor; no mesmo ano, a neta Rubia e Antônio Marcos nos trouxeram as bonecas Giovana e Luísa; e como se não bastasse, a neta Valéria e Junior estão ansiosos esperando as queridas Estela e Elisa.

Frente a este fato, estabeleceu-se uma comunicação *on line* entre os primos de várias partes do país, que foram adicionando outros e o grupo aumentando. Mas verificou-se que, no *facebook* formado por pa-

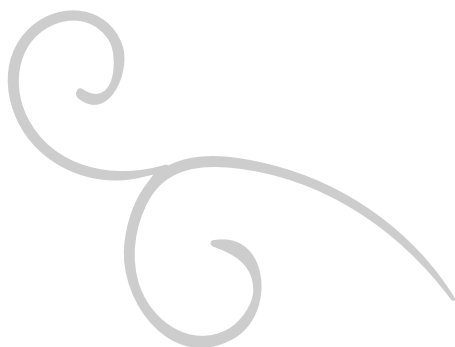
rentes, nem todos se conheciam; aí surgiu a ideia de fazer uma árvore genealógica para publicar no grupo e, junto, alguns aspectos da história da família, anexando também fotografias.

O resultado destas publicações foi tão bem aceito pelo grupo que alguns participantes sugeriram a publicação em livro, para poder aproveitar melhor o conteúdo.

Esse as pessoas deste *face*, formado por membros da família, marcou uma festa de confraternização para um dia depois do Natal deste ano de 2015. Na ocasião, todos se encontrarão para se conhecer, trocar opiniões e o livro da família deverá estar pronto para ser distribuído a todos os participantes.

Então, sem muito tempo para grandes pesquisas, juntamos os comentários do *facebook* com mais alguns dados que tínhamos arquivados e mandamos para a editora, que deverá deixá-lo pronto na data combinada.

Desejo que este livro seja de grande serventia para todos os que procuram dados sobre a família de Olivo e Dorilde Piccin e possa incentivar pesquisas mais consistentes sobre o tema.



1 *A vinda de imigrantes italianos para o Brasil*

Durante o século XIX, os estados italianos atravessavam uma fase difícil devido à luta pela unificação da Itália; a anexação de Veneza, que pertencia à Áustria e aos Estados da Igreja, trouxeram para essa unificação grandes distúrbios políticos e miséria para o seu povo.

Além desses problemas, havia excesso de população, fazendo crescer no povo italiano o desejo de descobrir uma nova pátria, onde pudessem ter uma vida melhor e um enriquecimento mais rápido.

Começa então a imigração italiana para o Novo Mundo, trazendo consigo suas técnicas, sua arte, seus usos e costumes (que até hoje se encontram aculturados na vida brasileira), sua fé, sua fácil adaptabilidade climática e, principalmente, a facilidade de miscigenação com brasileiros e outras nacionalidades.

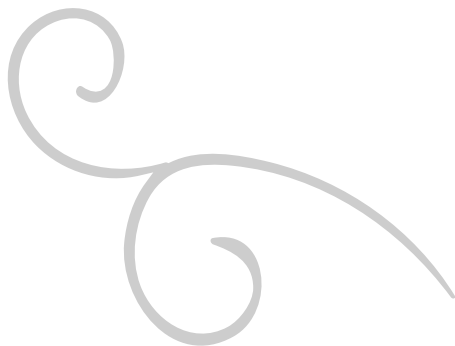
Para o Brasil, a chegada desses imigrantes foi de grande valia: primeiro, por causa da expansão do café; segundo, pelos problemas com o comércio de escravos, devido à pressão dos ingleses que estavam se industrializando e necessitavam de mercados consumidores. Como o escravo não consumia, optaram por sua libertação.

Era um momento difícil; a solução para os fazendeiros de café era a mão-de-obra remunerada, no caso, o imigrante.

Os primeiros tempos foram muito difíceis para os imigrantes, pois coabitavam nas senzalas com os escravos negros, sem a mínima condição de higiene e conforto. Chegaram já em débito com o fazendeiro, a quem tinham que pagar as despesas de viagem e também se

submeter ao “sistema de parceria”, sendo bastante explorados, ficando quase sempre devedores nos armazéns da fazenda, até que esse sistema foi mudado por um ordenado fixo, um determinado número de pés de café e mais uma comissão.

Superaram tudo pela sua valentia, tornando-se posteriormente os industriais, comerciantes e seus descendentes profissionais liberais, sobrepujando todas as barreiras e restrições a eles impostas.



2 A chegada da família Piccin

Em 8 de outubro de 1887 chegou ao Brasil o Sr. Joaquim Boer, chefiando uma grande comitiva de imigrantes italianos que passou a residir na Fazenda Salto Grande, de propriedade do Sr. Francisco de Campos Andrade.

Memorial do Imigrante						Nº 08535
Constam dos arquivos do Memorial do Imigrante os seguintes dados:						
Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil	
PICCINI	PIETRO	CAPO	ITALIANO	55	C	
	REBENTA	MUGLIE	ITALIANO	50	C	
	DAVIDE	FIGLIO	ITALIANO	23		
	GIUSEPPE	FIGLIO	ITALIANO	23		
	ANTONIO	FIGLIO	ITALIANO	15		
	MARIA	FIGLIO	ITALIANO	15		
CIA	LUCIA	FIGLIO	ITALIANO	10		
	TRANQUILLA	MUGRA	ITALIANO	18		
Procedência SANTOS	Destino SANTA BARBARA	Vapor PORTOU	Chegada 08/10/1887	Livro 006	Página 243	

Joaquim Boer chefiou as seguintes famílias: Luiz Delben, Luiz Cia, Antonio Luchesi, **Pietro Piccin**, Luiz Santarosa, Marcos Campari, José Faé, João Meneghel, Roviglio Bertini, Miguel Bertolo, Olivio Piloto, Luis

Sacilotto, Pedro Mantovani, José Grazzi, Antonio Ravagnani, Celeste Trovó, Antonio Trombin, Humberto Casagrande, Vergilio Marsson, José Francescato, Virgilio Duaneto, Luiz Nardo, João Scarazato, José Tonhela, Cesar Casati, Natal Minarello, Paolo Dell’Agnese, José Rozalem, Felicio Seleghini, Antonio Altarujo, Paulino Salvador e Angelo Provedel.

Estas famílias trabalharam durante doze anos para o Sr. Francisco de Campos Andrade e foram obrigadas a morar nas senzalas, até serem construídas suas casas. Elas se dedicaram ao cultivo do café (produto de exportação), da cana-de-açúcar, para a fabricação de aguardente, dos cereais necessários para a sua alimentação e do início da cultura do arroz que, até então, era importado do Japão; plantavam hortaliças e criavam aves para o próprio consumo.

Por falta de pagamento e alimentação, em virtude das condições precárias das finanças do Sr. Francisco de Campos Andrade, as famílias foram para Santa Rita, São Carlos e outras localidades, retornando a pedido do próprio fazendeiro, com a promessa de saldar suas dívidas com os imigrantes e melhorar as condições de vida para todos.

Transcorrido mais de um ano do retorno das mesmas, a situação agravou-se novamente devido à participação da família Campos Andrade na política, com a conseqüente perda de grande parte dos seus bens. Dada à honestidade de Francisco de Campos Andrade, nenhum imigrante ficou prejudicado nos seus ganhos, pois ele lhes deu em pagamento um pedaço de terra, de acordo com os créditos de cada um (1899).

Assim, cada família começou a construir seu sítio, sendo essas as primeiras famílias a desbravarem as matas, dando início à lavoura e contribuindo assim para o progresso da cidade de Americana.

Desde a chegada dos primeiros italianos e seus descendentes e de outros que aqui aportaram, até os dias de hoje, a sua atuação e participação na vida pública, econômica, política, social e religiosa é relevante, pela presença constante em todas as atividades do estado e do país.

O cultivo da terra e sua produção geraram riquezas para toda a coletividade, proporcionando grande diversificação nos diferentes setores da economia, como a indústria e o comércio.

A família Piccin é originária de Paularo, uma comuna italiana da região do Friuli-Veneza Giulia, província de Udine, com cerca de 2.907 habitantes. Estende-se por uma área de 84 km², tendo uma densidade populacional de 35 hab/km². Faz fronteira com Arta Terme, Ligosullo, Moggio Udinese, Paluzza, Treppo Carnico.

MAPA DA ITÁLIA LOCALIZANDO PAULARO E CAMPODARSEGO



1 - Paularo

2 - Campodarsego



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DO IMIGRANTE
MUSEU DA IMIGRAÇÃO

13128

CERTIDÃO DE DESEMBARQUE

AUTOS - Nº 6.117/02

CERTIFICO constar do Livro de Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo,
006 página 243:-

do nosso acervo documental, os seguintes dados de PIETRO PICCINI

Nacionalidade: italiana

Filiação: Nada consta

Data de Nascimento ou Idade: 55 anos

Sexo: masculino

Estado Civil: casado

Profissão: "contadino"

Navio: "POITOU"

Origem: Nada consta

Destino: SANTA BARBARA, fazenda de Francº Campos Andrade.

Passaporte Nº: Nada consta

DATA DE DESEMBARQUE: 08 de OUTUBRO de 1.887, em SANTOS.


Chefe ou Responsável: O próprio.

Composição da Família: REDENTA, esposa(50 anos)filhos.Davide(25 anos)Giuseppe(23 anos)
Antonio(15 anos)Maria(13 anos)Luigia(10 aanos)Tranquilla Cia,nora
(18 anos).

São Paulo, 02 de agosto de 2002


Responsável pelo levantamento da informação

WALDIR ROBBI
RG: 2.928.682-7


Diretor(a) do Museu da Imigração
MIDORY KIMURA FIGUTI

2.1 PIETRO PICCIN

Nascido em 1832, casou-se com LUCHESE, REDENTA (filha de Antônio e Maria), nascida em 1835 e residente nel paesello de Paularo, comune di Prata di Pordenone, na região do FRIULI – VENEZIA GIULIA - Itália. Geraram os filhos: GIACOMINA, DAVIDE, GIUSEPPE, ANTONIO, MARIA e LUIGGI.

Desembarcou em Santos no dia 08 de outubro de 1887, do navio “POITOU”, e foi para a fazenda Salto Grande, de Francisco Campos Andrade, onde trabalhou na cultura do café. A família conseguiu juntar um bom dinheiro e comprar um lote de terras. “Mesmo aconselhados pelo fazendeiro de que não deviam adquirir aquelas terras, por estarem ‘enroladas’, tomaram a decisão de adquiri-las; após pagas, apareceu outro herdeiro e perderam tudo”. Pietro contraiu uma grave doença, provavelmente “tifo” e faleceu na primavera de 1891. Os integrantes da família que conseguiram sobreviver à doença, embora muito enfraquecidos, resolveram deixar a fazenda e reemigrar para onde estava Giacomina, no Rio Grande do Sul. Redenta faleceu em 26 de dezembro de 1898, em Ivorá.

2.1.1 GIUSEPPE

Filho de Pietro e pai de Michelle (Miguel). Nasceu em 22.10.1863 e casou-se em 14.03.1890 com CIA, ITÁLIA, na fazenda de Francisco Campos Andrade, na cidade de Santa Bárbara - SP. Embarcaram em 23.11.1891 com o filhinho MICHELLE (nascido em 14.03.1891) e estabeleceram-se no Núcleo Norte (Ivorá), junto com GIACOMINA, que havia chegado há algum tempo. GIUSEPPE faleceu provavelmente em 1893, de tifo, na costa do Lajeado Mello (não foram feitos registros devido ao período de revolução), e a viúva se casou novamente em 25.05.1895 com PEGORARO, GIUSEPPE. Foram morar em Nova Palma, levando junto o pequeno MICHELLE. Itália Cia e João Pegoraro geraram mais seis filhos: JOÃO, ÂNGELO, CATERINA, IDA, PEDRO e GIUSEPPINA.

2.1.1.1 MICHELLE OU MIGUEL

Filho de Giuseppe e pai de Olivo. Nascido em 14.03.1891, em São Paulo, veio para Ivorá com 8 meses. Perdeu logo o pai e sua mãe Itália casou-se novamente com João Pegoraro e o menino foi criado e educado na nova família, em Linha Base, Nova Palma. Casou-se em 04.07.1914 com PIOVESAN, ESTER (13.03.1895) e geraram os filhos: ANGELINA, JOSÉ, JOÃO, OLIVO, TERESA, MARIA, BENJAMIN, DAVID, ATILIO, ADELAIDE, ARLINDO.



Michelle faleceu em 18.12.1938, após longa enfermidade (pneumonia). Na época só havia médicos em Santa Maria ou Cruz Alta e tinham que ir a cavalo. Contavam que enquanto ia ao médico a cavalo, pegou uma chuva no caminho, a saúde piorou muito e acabou falecendo.

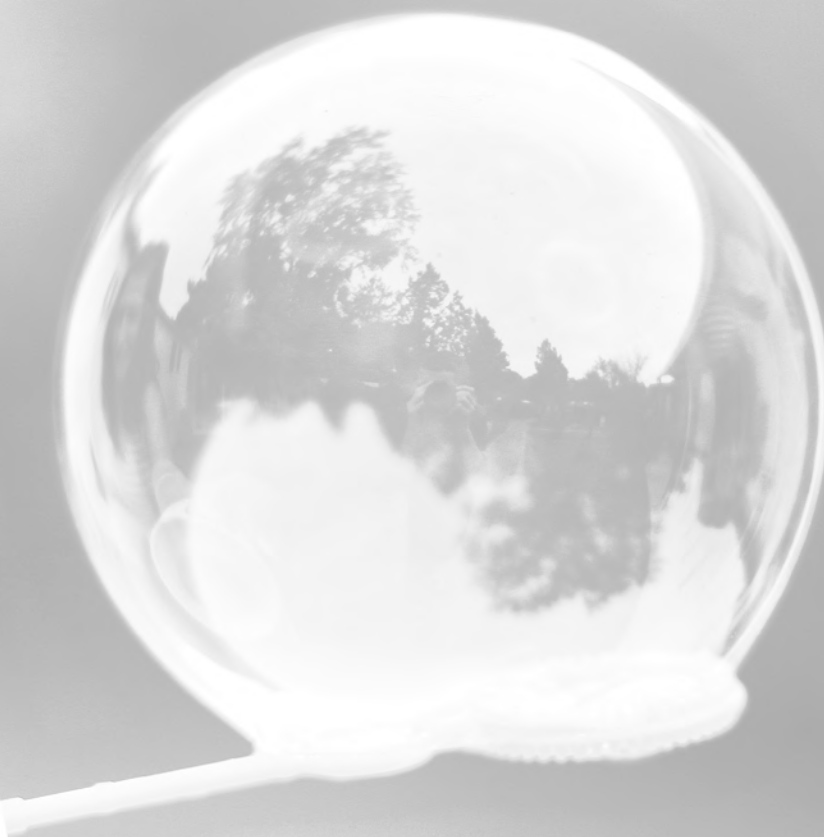
Vovó Ester faleceu em 08.02.1975, com idade avançada e problemas cardíacos.

Vó Ester com os filhos logo após a morte do vô Miguel



Vó Ester com quase todos os filhos já adultos.





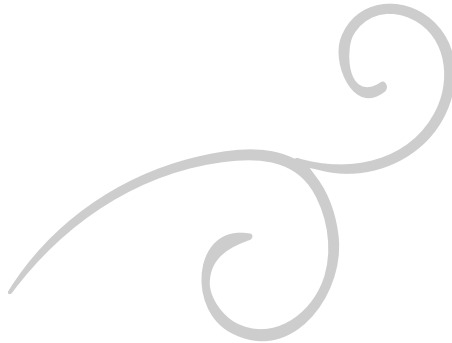


3 Família Rubín



Sobre a família Rubín não conseguimos muitos dados. Sabemos que Antônio Rubín veio de Campodarsego, Comuna na Itália da região do Vêneto, província de Pádua, com cerca de 11.471 habitantes, que se estende por uma área de 25 km², tendo uma densidade populacional de 459 hab/km². Foi por meio deste bisavô que conseguimos comprovar nossa descendência italiana junto ao consulado italiano em Porto Alegre e, assim, adquirir a cidadania daquele país.

Antônio Rubín casou-se e teve vários filhos, dentre eles José, pai de Dorilde Piccin.





4 Família Stefanello

A família Stefanello teve origem a 70 quilômetros de Veneza, na cidadezinha de Ceggia, na rua Rivazancana di Sopra, nº 13. Ainda hoje existe o casarão onde viviam os Stefanello, sobrevivendo do cultivo penoso do cânhamo, em planícies alagadas. Por isso, chegando aqui, procuraram terras altas e enxutas.

Os moradores do casarão, Ângelo Stefanello, casado com Maria Rudine, tiveram muitos filhos, dos quais apenas quatro imigraram para o Brasil, conseguindo terra para morar em Linha 7, Nova Palma, distrito de Júlio de Castilhos: Antônio, nascido em 1828, Marco, em 1845, Giovanni, em 1847 e Luigi, em 1851. Por causa das dificuldades da região disseram: *Andemo in Mérica* e embarcaram no navio Birmânia que partiu para o Rio de Janeiro no dia 28 de novembro de 1887.

Após 28 dias no mar chegaram ao Rio de Janeiro; mais alguns dias, num barco menor, atingiram Porto Alegre, onde embarcaram em um barco a vapor e foram até General Câmara, seguindo de trem até Camobi, Santa Maria, e depois de carreta até os barracões de Silveira Martins, construídos especialmente para acolher os imigrantes da futura colonização.

Enquanto as mulheres e crianças ficavam no barracão, os homens iam providenciar, junto ao escritório do governo, na sede da colônia, o lote de terra que seria seu e logo iniciavam a derrubada do mato, a construção de uma casa provisória para poder levar a família morar na colônia e iniciar a lavoura.

Após o inverno de 1888, a família Stefanello se estabeleceu no distrito de Nova Palma, no alto das montanhas da Linha 7, realizando ali o sonho de ter sua própria terra, onde não havia patrões que os exploras-

sem, podendo assim criar sua família sem fome e sem as dificuldades existentes em Ceggia.

Então, Marco Stefanello foi um dos quatro irmãos que vieram da Itália, pai de Ângelo que, por sua vez, era pai de Amabile, mãe de Dorilde. Ângelo tinha 17 anos quando fez a viagem para o Brasil. Ele contava aos netos que, no navio, durante a longa viagem, conheceu uma menina de 16 anos, chamada Maria Natalina Dalcin, também imigrante; passaram a namorar e, em Nova Palma, algum tempo depois, oficializaram o casamento.

O mais longe que consegui chegar nas raízes da família foi nesta foto abaixo. É uma foto da família dos meus bisavós Stefanello. Ângelo Stefanello, pai da vó materna, Amabile Stefanello Rubin. Ângelo e esposa vieram da Itália, ainda jovens. Eu conheci este bisavó, bem velho, quando lá pelo ano de 1965 ele esteve em Jabuticaba nos visitando. Logo depois ele faleceu.

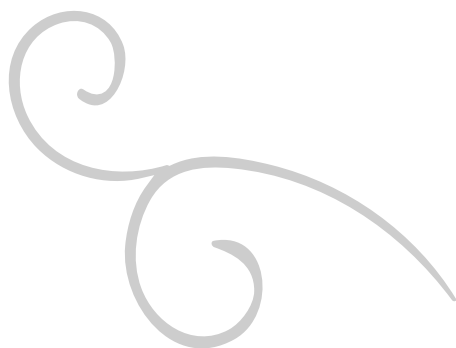


Como as famílias Rubin e Stefanello moravam próximas, os filhos José e Amábile se aproximaram, casaram e tiveram 15 filhos, dentre eles dois padres e três freiras. Dorilde era a segunda filha do casal. José amava muito os filhos e os netos. Mais tarde ele se mudou para Fortaleza dos Valos, e de vez em quando aparecia para fazer uma visita em Jabuticaba. Normalmente ele vinha de ônibus até Boa Vista e depois ia a pé até São Luís, onde Dorilde morava. José faleceu vítima de um AVC, no ano de 1973, aos 72 anos. Na época eles moravam em Cruz Alta. Amabile, após um AVC, viveu por longos anos semiparalítica e faleceu em 1975.

Família de José Rubin. Dorilde está de vestido escuro bem ao lado direito da foto.



Família Rubín: novamente a foto foi tirada na festa das bodas de ouro dos avós, no ano de 1972.



5 Olivo e Dorilde

Como as famílias Piccin e Rubin moravam em comunidades vizinhas, os jovens Olivo e Dorilde se conheceram na igreja que ambos frequentavam, aos domingos, para assistir as cerimônias e festas religiosas. As residências dos dois ficavam longe da igreja, então eles iam até lá a cavalo e quando ela ia para casa ele a acompanhava, sempre seguidos de perto por alguém da família dela, porque naquela época os namorados não andavam sozinhos antes do casamento para que a moça não ficasse ‘falada’. Todos elogiavam a beleza de Dorilde, que se destacava nas redondezas, por isso houve outros cortejadores da bela donzela, mas ela, junto com amigas, aumentava o trote dos seus cavalos e fugia rindo da cena.



*Foto da mãe quando moça, linda; morava na
localidade de Linha Sete, município de Nova Palma.*



Como o namoro deu certo, seu pai, José Rubin, deu sua aprovação e, em pouco tempo, Dorilde apressou a preparação do enxoval e a data do casamento foi marcada, ocorrendo em 08.06.1943, com uma festa entre as famílias. Após o casamento, os noivos foram morar na casa da mãe do noivo, como era costume entre as famílias descendentes de italianos, na



As primeiras gêmeas da família: Otilde e Otilia



época. Sempre tinha um filho casado morando na casa dos pais, e este filho só ia para sua casa quando o próximo filho se casasse e, assim, sucessivamente. O filho mais novo herdava a casa e ficava cuidando dos pais.

Em 1947, com o casamento de Benjamin Piccin, chegou a vez de Olivo e Dorilde procurar um lugar para construir sua morada. Em Nova Palma corria notícias de que o Sr. Valentin Stefanello havia adquirido uma área de boa terra de 20 colônias, nas imediações de Palmeira das Missões, numa localidade chamada Jabuticaba. Sabia-se também que alguns conterrâneos já tinham adquirido colônias do Sr. Stefanello. Então, Olivo reuniu-se a outros possíveis compradores e viajaram para conhecer as tais terras. Alguns dias mais tarde ele retornava feliz com a notícia, dizendo que tinha comprado uma bela colônia em Jabuticaba, com boa água, muito mato, terra fértil e a mudança teria que ser logo para que iniciassem os trabalhos em sua nova propriedade.

Vó Ester e a tia Adelaide com Otilia, Otilde, Leonila e Vendelino pequenos. Esta foto foi tirada um pouco antes da família sair da casa da vó, onde morou por quatro anos, indo morar em Jabuticaba.



O casal já estava com quatro filhos: as duas gêmeas, Otilde e Otilia, a Leonila e o Vendelino. As providências para a mudança foram tomadas rapidamente e logo partiram, mas antes a nona quis tirar uma foto junto com as crianças para ter uma recordação; assim, quando a saudade apertasse, ela poderia olhar e não sofrer tanto.

Esta foto foi tirada em 1947, em Linha Base, antes da mudança para Jaboticaba.





A viagem foi longa, de caminhão, com a mudança e a família também. A estrada de chão, em péssimas condições, fez com que levassem o dia inteiro para fazer o percurso que hoje, de carro, não demora mais do que quatro horas. Finalmente chegaram na colônia, tarde da noite, e foram recebidos pelos futuros vizinhos e depois compadres, Elias e Verônica Mânfió. No dia seguinte seguiram até sua propriedade para descarregar a mudança e iniciar a labuta.

A primeira providência foi abrir uma clareira no mato e improvisar uma casa que pudesse acolhê-los. Auxiliados pelos vizinhos conseguiram esta façanha usando madeira retirada da redondeza e acomodaram a mudança e os filhos. O casal, exausto, estava sentindo a satisfação em habitar, pela primeira vez, a própria casa. A próxima tarefa foi derrubar o mato, preparar a terra para dar início à plantação de trigo, milho, feijão, batata, mandioca, verduras (suprimentos para alimentação) e, logo que o milho pudesse ser colhido, seriam criados porcos, galinhas e gado bovino, principalmente.

Em 1948 - caminhão com uma tora de madeira e toda família do pai, da época, preparando madeira para a casa.

De acordo com a Ir. Otilde, atrás do caminhão está a segunda casa construída de madeira, com cozinha separada. A primeira casa foi no meio do mato em volta só havia madeiras derrubadas e mal queimadas. Era de madeira muito pequena, não tinha assoalho na cozinha se cozinava só com uma panela pendurada em duas estacas em cima do fogo. Mais tarde o pai fez um fogão de pedra e barro com uma chapa, onde se colocava lenhas grossas e se cozinava tudo. Foi a maior alegria com o fogão que se chamava borralho.



A vida de Olivo e Dorilde e dos primeiros filhos não foi nada fácil. Na nova colônia tudo precisava ser feito, só existia mato fechado. O casal trabalhou de sol a sol para dar conta de tudo o que tinha para desbravar e cultivar a terra, a fim de produzir alimento para si e seus filhos. Os filhos, ao atingirem cinco, seis anos já partiam para o trabalho junto com os pais, em casa e na lavoura, pulando tronco de árvore, carregando água para casa, cuidando dos irmãos mais novos, puxando serrote com o pai e assim por diante.

A segunda casa foi bem melhor. Construída com a cozinha separada do resto da casa, isto para evitar estragos maiores em caso de incêndios causados pelo fogão. Era a casa com uma salinha e três quartos, sótão onde os guris dormiam e porão onde guardavam mantimentos. A cozinha era grande e ao lado tinha outra sala e banheiro.

Foto da família do ano de 1951. Foi tirada na área da casa velha, usando a máquina do Pe. Dorvalino, que está junto na foto. Era ele que tirava fotos da família, pois quando vinha passear sempre trazia uma máquina fotográfica e aproveitava para fazer fotografias.



Foram eles que enfrentaram o mato e as dificuldades na colônia nova.

Desta maneira, a família foi crescendo: mais filhos nascendo, fazendo com que as casas tivessem que ser construídas em tamanho maior, mais terras adquiridas. Deus foi muito generoso com este clã; não faltou amor, nem alimentos e, geralmente, seus membros desfrutaram de muita saúde, o que pode ser considerado seu maior capital. O casal teve 14 filhos, dos quais 13 atingiram a idade adulta. Perderam somente a Rosalina que faleceu em 1947, com 40 dias, vítima de coqueluche.

Foto de 1957, família incompleta. A criança no colo da mãe é a Clair, estão faltando dois filhos, pois ainda não haviam nascido.



Foto abaixo da casa nova, inaugurada no ano de 1961. Essa foi a terceira casa da família, feita totalmente de madeira, retirada do mato das terras do pai, com tábuas preparadas que o pai foi buscar com o caminhão de carga do meu padrinho, Antônio Piacentini, em Santa Catarina. Foram meses de muito trabalho, mas a grande casa ficou pronta. Ela tinha 6 quartos, sala, cozinha, despensa, área na frente, banheiro e porão. Tudo muito grande. Era linda, toda pintada com tinta a óleo. A piaçada se divertia muito brincando no gramado em frente, nos quartos enormes. Tinha um corredor grande, a cozinha também era bem espaçosa, com uma mesa comprida e um banco encostado na parede e na mesa, onde os meninos sentavam para as refeições e as meninas do outro lado da mesa, em cadeiras. No porão eram guardadas as pipas de vinho, salame, queijo, banha, cebola, batata e outras coisas que serviam como alimento. Foi construída um pouco acima da casa velha. A quarta casa foi construída meses antes do casamento do Irramir no mesmo local da anterior e está lá até hoje.



A primeira comunhão de Ivo e Dilse. Foi uma data muito importante para nós. Depois de longo tempo de preparação chegou o grande dia. Nós tínhamos 5,6 anos. Era o Pe. Guilherme quem nos preparou juntamente com a Irene Stefanelo e a Idelma Zanon. O padre era um alemão atrapalhado, muito brabo, nós tínhamos muito medo dele.



Foto da família de 1964, casamento da Otilia.



No dia do casamento da Otilia (16.05.1964), a festança foi grande. Tudo seguiu o costume da época; depois de uma semana de trabalhos e preparação chegou o grande dia. Nós todos com roupa nova. No sábado de manhã cedinho, o noivo veio buscar a noiva, e todos fomos para a igreja. Logo depois, os convidados se dirigiram para a casa dos pais da noiva para um fausto café com muitos doces, pães, bolachas cucas, etc. Depois do café, a caravana acompanhou os noivos até a casa do noivo para o almoço, que foi um grande churrasco. Eu tinha apenas 9 anos, mas lembro de tudo e de como foi divertido. Não posso me esquecer dos doces, principalmente. Depois da festa os noivos foram para a sua casinha, muito simples, lá num fundão, longe de tudo... nossa!



Na foto abaixo, as quatro gerações, no dia do casamento de Otilia: bisavô Ângelo, avó Amabile, mãe Dorilde e Pe. Dorvalino.



Em 1964, no dia da celebração de ingresso a vida religiosa na Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado das irmãs Otilde e Leonila, em Porto Alegre. Lembro bem, a preparação lá em casa foi grande. O pai e a mãe viajaram a POA pela primeira vez para a celebração. A mãe mandou fazer o vestido na cidade de Palmeira das Missões, mas quando chegou em casa com o vestido ela não gostou, achou que tinha defeitos nas mangas, sei lá, aí ela chamou a tia Tereza, que era vizinha, para arrumarem o vestido. E viajaram felizes. Mas emocionante mesmo foi o retorno, contando as novidades dos prédios altíssimos que viram, o rio tão pertinho da cidade, tantos carros, as sinaleiras, o bonde; enfim, tudo era motivo de grande admiração para nós, bugrada que ficávamos imaginando como seria aquela cidade descrita por eles.





Estes fofos lindos nasceram para trazer ainda mais alegria para a família. Foram os primeiros netos de Olivo e Dorilde e ainda vieram em dose dupla sem serem esperados. No dia do nascimento, nas primeiras dores da mãe Otilia, o pai Maximino, foi à cavalo avisar a vó Dorilde de que o bebê estava nascendo. Sim o “bebê” porque todos acreditavam ser um único filho. Enquanto o vô e a vó foram lá cuidar a filha o futuro pai foi chamar a parteira. O parto foi em casa com auxílio da parteira Santina Casarin, e ajuda também, dos avós, Dorilde e Olivo; Pedro e Izeta e o pai Maximino é claro. Eles contavam que aquela noite do dia 20.05.1965 não foi nada fácil. Foi um parto muito difícil, longe de hospital, de médico e nem carro eles tinham para socorro. Mas graças as orações das avós tudo acabou bem. Os três salvos, mãe e bebês.



*Aí esta as cinco gerações da família.
Foto tirada em frente à casa dos pais aproveitando
uma visita do bisavô Ângelo e da avó Amabile.*



Olha a fofura dos quatro. Nesta fase havia um revezamento lá em casa para sempre alguém ir ajudar cuidar os bebês, a Otilia sozinha não dava conta e ainda tinha que ajudar o Maximino na roça. No ano que eles nasceram teve um dia inteiro de neve.



Foto da Elenita tirada no dia do casamento da Otilia



Eu com 11 anos e a Cleide. Foto tirada pelo Pe. Dorvalino, estava num monóculo e transformei em foto. Eu estou usando uma blusa de bom lon da Cleide por que a moça da casa era ela, então ela é que tinha as roupas.



*Elenita numa das festas
ocorridas lá em casa.*



O casamento do Vendelino com a Neiva deve ter sido no ano de 1970. A festa foi lá em casa, com churrasco ao meio dia, bolo, vinho... Aconteceu embaixo das laranjeiras, com mesas grandes montadas com tábuas e forradas com papel. Os convidados eram os vizinhos e amigos de Jabuticaba, das duas famílias. Foi um grande evento. Os noivos ficaram alguns dias morando com nossa família até a casa deles, em Santa Lucia, ficar pronta; depois eles foram morar lá e a Neiva dava aula na escolinha da localidade.



Primeira comunhão do Irramir e Elenita. O anjinho que está com as mãozinhas sobre a cabeça dos dois é a Ires Piccin. Não é uma gracinha!



Parece que o esporte preferido do Irramir era mesmo o futebol.



Um dos passeios preferido do pai era ir a Linha Base visitar os irmãos, existia um carinho muito grande entre eles. Juntos eles comiam e bebiam muito, jogavam, lembravam o passado e reviam amigos. Foto de uma destas visitas.

Família dos irmãos Piccin com seus cônjuges.



Casamentos históricos estes, duas famílias se uniam em dois casamentos e talvez, uma das responsáveis por isso tenha sido esta da segunda foto. Ela era Dileta Moro, irmã da Terezinha e do Oscar. Uma pessoa maravilhosa, prestativa, humanitária, que Deus levou no ano de 1979, vítima de câncer, oito meses após seu casamento. A professora Dileta atendeu ao pedido de seu pai, José Moro, e reuniu a juventude da linha São Luiz, todos com primeiro grau incompleto, e começou a dar aulas na escolinha da localidade, à noite, gratuitamente, e foi aí que eles aprenderam a se organizar e fundaram o Clube 4S, apoiados pela ASCAR, e muito mais. Os jovens aproveitaram a oportunidade, a amizade e passaram a namorar; depois casaram, com o apoio das duas famílias vizinhas. A festa aconteceu na casa dos Moro, com muita comilança, bebidas e não

faltou um bolo bem grande que foi servido para todos os convidados. Logo depois, a Cleide e Oscar ficaram na casa da família Moro e o Natalino e a Terezinha foram morar em sua casa, construída em uma colônia recém-comprada.



Foto de Dileta Moro no dia de seu casamento em 1978



Com a união da juventude da Linha São Luiz de Jaboticaba auxiliados pela ASCAR foi fundado o clube 4S. Este clube tinha uma sede social onde se realizavam promoções sociais com música ao vivo, dança e futebol. Foi escolhido a Rainha deste clube e coroada em uma noite festiva.

As fotos abaixo demonstram um pouco da família reunida para este evento.

*Otilia, Luiz, Clair, Dilse (atrás) Cleide, Oscar, Nelci e Miguel.
Sentados Olivo e Dorilde. De pé a rainha – Elenita.*



Dilse com Elenita antes da coroação



A família da Otilia. Eles sempre foram muito lindos, meiguinhos: Erenita, Roseli, os gêmeos: Isaldo e Iolene na frente, Renilda e Raquel só falta o temporão Vinícius.



Casamento do Miguel e Nelci. Foi no ano de 1974. Teve festa lá em casa, churrasco no galpão, pela primeira vez teve cerveja e refrigerante. Oh que beleza! Mas foi resfriado com gelo trazido de fora por que a luz só chegou naquele dia mas já tarde. Ainda não tinha luz elétrica. Os noivos passaram a primeira noite lá em casa e no outro dia foram para a sua casa numa terra adquirida perto onde ele mora hoje.



Foto do dia do casamento do Miguel: Elenita, a prima Maristela Rubin, a amiga de Palmeira Helena, Dilse e Clair.



O casamento do Ivo com a Neli em 1977 aconteceu em Jaboticaba com um belo churrasco no salão paroquial. Reuniram-se os familiares e amigos. Logo depois os dois seguiram para Campo Erê onde foram morar. Viajaram na caminhonete Rural Willis a popular “fucona” carregada com mudança.

Foto dos noivos



Festas familiares aconteciam com muita frequência na residência de meus pais, eles adoravam o movimento dos filhos, genros, noras e netos e aí acontecia aquele churrasco de ovelha, gado, risoto, cuca e vinho feito pelo meu pai com uva colhida do parreiral cultivado por ele.



Quando o tempo estava bom e era verão estas festas aconteciam em baixo das laranjeiras que era um pátio maravilhoso, plano onde eram montadas mesas e aí aconteciam os encontros festivos.

Elenita com a Raquel foto de 1976.



“Saudades das laranjas do vô Olivo... O sabor daquelas laranjas não provei em nenhuma outra. Até o pai plantou mudas daquela espécie mas o sabor não foi o mesmo. Coisa própria daquela terra, daquele lugar... Lembro que quando morava com eles, a vó ia dormir a noite e eu e o vô comíamos laranjas... Ô delícia!” (Comentários de Marcia no face)



Eu montada no cavalo, que não era branco, de meu príncipe encantado, em frente a casa dos pais. Jardim cheio de roseira cultivadas pela mãe que adorava flores.

Foto do ano de 1980.





Santa Catarina, Campo Erê.

Terezinha Moro Piccin com Alexandre e Elder



Elceu com os filhos, Maico, Luiz Andrei e Rubia



Meu irmão Elceu e esposa Zelia



*Meu casamento 31.01.1981, em Jaboticaba.
Festa animadíssima.*



Casamento do Irramir e Ires. Festa no salão de Jaboticaba



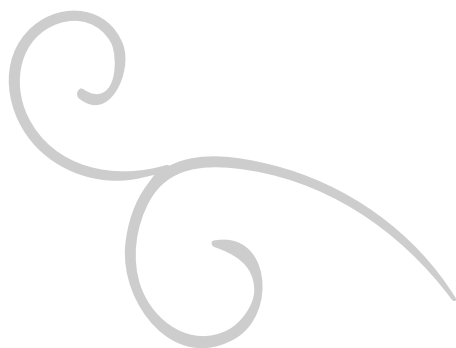
Uma tragédia aconteceu na família em 1988, quando faleceu a Ir. Leonila, aos 42 anos. Era uma pessoa muito especial, com jeito de anjo, carinhosa, sensível, amável, mas Deus também gostava muito dela e quis ela para si e a levou muito cedo. A família toda sofreu muito com esta perda e ainda sofre com a saudade que não tem fim. O maior sofrimento se dá pelo fato de que todos não tiveram tempo para se preparar para esta perda, levando em conta que sua doença (deficiência de plaquetas no sangue) só foi diagnosticada quatro dias antes de sua morte. Mas todos sabem que ela continua junto com os que a amam.

Marcia Regina Picin Pedroso- dias antes ela tinha ido nos visitar junto com a vò e o vô. Lembro muito bem deste dia. Parece que estava se despedendo. Uma pessoa extremamente generosa e amável. Tenho certeza que está perto da gente sempre. Saudades...(depoimento da Marcia no face)

Foto de Ir. Leonila

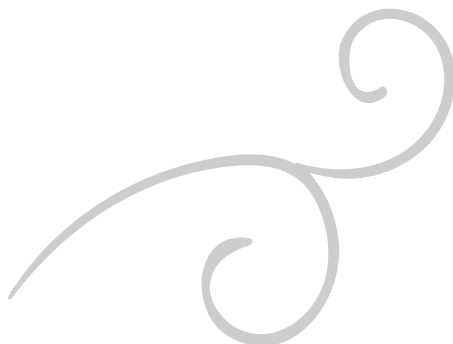


Em frente a casa dos pais em Jaboticaba Ir. Leonila, mãe, eu com Bernardo no colo e pai. Esta foto foi tirada pouco tempo antes da Leonila falecer ela estava de férias e já doente. Poucos dias depois constatamos a terrível doença que a levou para sempre. O jardim da mãe sempre muito florido, ela tinha um capricho especial para com as flores.



Festa da família Piccin, em Linha Base, no dia 29.05.2005. Foi uma tentativa de reunir todos os remanescentes da família que vieram da Itália naquela leva em 1887.

Foto da família de Olivo e Dorilde Piccin que estavam na festa.



Festa do 2º e 4º aniversários da Bruna e Bernardo consecutivos. No ano de 1990, em Palmeira das Missões, com todos os amiguinhos e parentes presentes.



Foto de junho de 1993, em Jaboticaba. Comemoramos as Bodas de ouro dos meus pais. Foi um intervalo que a doença deu para a mãe, por que logo depois da festa ela adoeceu novamente e nunca mais melhorou. Faleceu em dezembro do ano seguinte. Mas a festa foi muito boa, com quase toda a família presente, mesmo que na época fosse bem menor. Teve missa de manhã com a participação de toda a família e ao meio dia um grande churrasco no salão de Jaboticaba, lindamente decorado e com muitos convidados. Um dia muito frio, mas com muito calor humano.

Foto com os 12 filhos.



Filhos, filhas, genros e noras.



Netos e bisnetos.



Os dois, Olivo e Dorilde, nossos anjos da guarda. Estavam muito felizes na festa comemorando os 50 anos de união.



Nossa infância foi muito saudável, livre e feliz. Nossa mãe tinha um filho todo ano. Sempre tinha bebê em casa. Os maiores ficavam a cargo das manas, Otilde, Otilia e Leonila que nos cuidavam como se fossem nossas mãezinhas. Éramos amamentados alguns meses e depois passávamos a tomar mamadeira com açúcar de cana e logo para a comida igual os demais. Nossa alimentação básica era, polenta com leite, ovo frito, arroz e feijão, radichi e verduras em geral, pão, chimia, queijo, salame. Carne só nos finais de semana. Tudo feito em casa. A única coisa que o pai comprava na venda era sal, erva mate e café. Açúcar refinado só para os doentes.

Foto de 1965, Elenita, Irramir, Izaldo e Iolene



Brincávamos muito ao redor da casa tirando fruta das arvores e comendo muita fruta. Não tínhamos brinquedos industrializados, os brinquedos eram construídos por nós, carrinhos com sucatas que encontrávamos, bonecos com sabugos de milho, alguns vidrinhos de remédio, caixinhas...

Foto de 1964, Elenita, os primos: Bernardete, Josemar e Mariluci Botton e Irramir





Ao redor da casa existia também alguns obstáculos perigosos, mas o nosso anjinho da guarda estava sempre atento, pois os acidentes não eram tantos.

Vou contar alguns.

Um dia, eu estava com três anos, o pai tinha acabado de trilhar o trigo e ficou um monte de palha no pátio do galpão e a gurizada foi brincar de esconde-esconde no monte. O Natalino fez um buraco na palha para se esconder melhor e depois ele não era encontrado e não conseguia sair do buraco, conforme ele se mexia afundava mais. Aí correram chamar a mãe e lá veio a mãe correndo com uma enorme barriga. Ela cavava palha com as duas mãos até que conseguiu salvar o menino. Do susto da mãe de noite a Clair nasceu.

Outra vez, eu com cinco anos, estava na sala com a mãe remendando roupas. A mãe iniciava o trabalho com a agulha e me passava e eu continuava. Quando ouvimos um tiro muito forte, ensurdecedor. Saímos correndo na porta e vimos o Ivo com seis anos, a uns 20 metros de distância, de pé, com os braços abertos e as mãos cobertas de sangue. A mãe falou, “chamem o pai”. Nos saímos correndo em direção ao mato onde ele e os manos maiores estavam tirando madeira para a construção da casa nova. Quando chegamos na lavoura correndo e gritando vimos o pai vir em nossa direção, bem longe, correndo. Ele ouviu o tiro lá do mato e saiu para ver o que aconteceu, quando nos viu imaginou algo grave e correu em nossa direção.

Na verdade, o Ivo sempre foi um menino muito criativo, estava sempre inventando algo diferente e naquele dia ele havia encontrado no fundo de uma gaveta do guarda roupa um cartucho de dinamite que tinha sobrado quando foi aberto um poço e o pai guardou. Ele pegou o cartucho sem ninguém ver e foi tentar tirar o fundo do cartucho usando um prego. Aconteceu a explosão.

Quando o pai chegou a mãe estava lavando o menino para leva-lo a Palmeira no médico e ele estava muito branco em estado de choque. O pai foi pegar o cavalo para pôr na aranha para irem até Boa Vista, sete quilômetros de distância para tomar o ônibus e fazer mais 30 quilômetros até a cidade. Ficaram dois dias no hospital e voltaram. O Ivo perdeu parte dos dedos da mão, mas não a criatividade e inteligência.

Família da Otilia na festa de Bodas de Ouro comemorada no ano de 2014.



Os irmãos que estavam presentes na festa de Bodas de Ouro da Otilia.



*Apenas uma amostra dos gêmeos da família, tem muito mais!
Otilia e Otilde; Izaldo e Iolena; Izabela e Laura.*



*Mas os gêmeos continuaram a nascer.
Aqui Thor e Thomas com a mamãe Gabrieli*



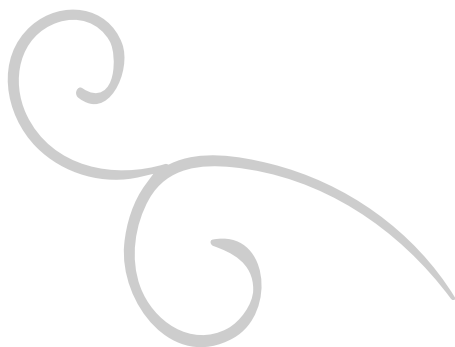
Giovana e Luisa e a mamãe Rubia.




*Meus dois filhos muito amados, razão da minha luta,
Bernardo e Bruna.*




Hoje é uma família formada por 12 filhos, 36 netos, 43 bisnetos e 1 tataraneta, conforme a árvore genealógica a seguir.





6 *Árvore*
genealógica de Olivo
e Dorilde Piccin



- OLIVO LUIS (15.03.1921), faleceu em 30.10.2001, casaram-se em 08.06.1943 com RUBIN, DORILDE (08.06.1922), que faleceu em 19.12.1994, e geraram os filhos:

1 – OTILIA (16.05.1944) casou-se com DALBIANCO, MAXIMINO (02.12.1942) e geraram os filhos:

a – IZALDO ÂNGELO (20.05.1965), casou-se com SANTI, MARIA ÂNGELA (14.11.1966) e geraram os filhos:

- NATANAEL nascido em 22.01.1991

- NATASSIA, (08.09.1995) casou-se com MORO, RENATO e geraram a filha:

- MARIANA nascida em 17.01.2015

- NICOLAS nascido em 29.03.2010

b – IOLENE DE FÁTIMA (20.05.1965) casou-se com KSZYSZERAK, ROGÉRIO LUIZ (03.01.1964) e geraram os filhos:

- ROBERTA, (18.11.1989), casou-se com DECONTO JUNIOR, (28.01.1988) estão gerando um filho.

- RODRIGO, nascido em 09.06.1995

- RAFAEL, nascido em 25.05.2000

c – ROSELI TEREZINHA (27.12.1966) casou-se com YOUNES, OMAR (27.11.1966) e geraram os filhos:

- SOHAILA, nascida em 21.11.1988

- JORDANA, NASCIDA EM 16.05.1992

d – ERENITA (12.07.1968) casou-se com KAISER, VALMIR LUIZ (05.03.1968) e geraram as filhas;

- FERNANDA nascida em 20.12.1994
- EDUARDA nascida em 19.05.2005
- e – RENILDA (15.05.1970) casou-se com ZATTI OLNEI
- SAMOEL 02.08.2005
- AUGUSTO 11. 08.2010
- f – RAQUEL (15.04.1974) casou-se com BASTIANI EDIMAR
- VITOR HUGO nascido em 06.01.2007
- GERMANO nascido em 20.03.2009
- g – VINICIUS (15.08.1982) casou-se com NADIA ROSANA...

2 – OTILDE (16.05.1944) Ordenou-se Irmã Religiosa.

3 – LEONILA (28.05.1945) Ordenou-se Irmã Religiosa e faleceu em 03.02.1988.

4 – VENDELINO (28.08.1946), casou-se com DESCOVI, NEIVA INÊS (20.08.1949) e geraram os filhos:

a – MAIROS JOSÉ (10.10.1972) casou-se com CAMARA, DEBORA (26.05.1975), e geraram o filho:

- JOÃO HENRIQUE nascido em, 21.07.2005

b – MÁRCIA REGINA (16.12.1975) casou-se com PEDROSO, RUY GOMES JUNIOR e geraram a filha:

- RAFAELA nascida em, 08.11.2010

c – FERNANDO (24.07.1978) casou-se com PAVIN, FABIANE SARTO-RETTO, (09.07.1980), e geraram a filha:

- LUIZA nascida em 27.09.2014

d – VALÉRIA (16.03.1985) casou-se com AMARAL, ARI DA COSTA JUNIOR (28.07.1985) estão gerando gêmeas que serão:

- Estela e Elisa

5 – NATALINO (17.12.1948), casou-se com MORO, TERESINHA (12.09.1954) e geraram os filhos:

a – ALEXANDRE nascido em (02.12.1974) e gerou o filho:

- MATEUS

b – ELDER(29.06.1976) casou-se com DE SIQUEIRA MIRELA DAIANA (24.11.1982) e geraram os filhos:

- MARIA EDUARDA, nascida em, 22.03.2011

- DAVI, nascido em, 27.06.2015

c – GUSTAVO nascido em 25.02.1980

6 – MIGUELZINHO (09.03.1950) casou-se com BOTTOM, NELCI INÊS (12.12.1954) e geraram os filhos:

a – MARCELO (11.03.1975) casou-se com BORGES, ERICA GALVANI (11.07.1977) e geraram o filho:

- GABRIEL nascido em, 26.05.2006

b – MARLEI (28.11.1976) atualmente com o companheiro RIBAS, RICARDO (12.07.1975), ela é mãe de:

- ROBERTA nascida em, 16.11.1993

- LUIZ FELIPE nascido em, 07.02.2004

c – MARCOS (11.05.1980), casou-se com DAVILA, DANIELA LOBO (21.03.--)

d – MAURÍCIO nascido em 26.06.1981

7 – CLEIDE (01.08.1951), casou-se com MORO, OSCAR (09.08.1950) falecido em 29.04.2009 e geraram os filhos:

a – RICARDO (10.07.1975) casou-se com SILVA ELIANE (11.08.--) e geraram os filhos

- FELIPE 31.10.1997

- RIELI 10.07.2001

- RAFAEL 08.12.2005

- PEDRO 22.06.2009

b – ELIZANDRA (04.10.1978) casou-se com NASCIMENTO FILHO, SILAS e geraram os filhos:

- MARIA AMÁLIA 06.10.1998

- FIDEL MIRO 06.06.2001

- ANA LAURA 13.11.2009

c – NATÁLIA nascida em 04.12.1987

8 – IVO (19.06.1953) casou-se com PIOVESAN, NELI (08.04.1954) e geraram os filhos:

a – IVIVIANE (22.07.1981) casou-se com GANDINI JECO e geraram o filho:

- PEDRO

b – ADELIZE (30.07.1984) casou-se com GUIDINI, MARCIO (06.12.1980) e geraram os filhos:

- MATHEUS nascido em, 07.04.2008

- LAURA e ISABELLA nascidas em, 02.01.2012

c – CELIS nascida em 28.08.1989

9 – DILSE (28.10.1954), casou-se com CORTEZE, VALDECIR NORBERTO (03.09.1949) e geraram os filhos:

a – BERNARDO nascido em 26.08.1986.

b – BRUNA nascida em 18.07.1988.

10 – ELCEU (27.03.1957), atualmente com a companheira BATISTA ZELIA (22.09.1977) ele é pai de:

a – MAICO RAFAEL nascido em 31.07.1982

b – LUIZ ANDREI,(09.10.1984), casou- se com COSTA ELIANE (17.09.1984) e geraram a filha:

- JÚLIA

c – RUBIA ANDRIELI, (24.09.1987) casou-se com GIMARÃES, ANTONIO MARCOS PASTORI (19.07.1974) e geraram as filhas:

- GIOVANA E LUISA (23.12.2014)

11 – CLAIR MARIA (26.11.1957), casou-se com FONTANA, LUIZ MOACIR (17.11.1950) e geraram os filhos:

a – GABRIELI, (08.04.1980) casou-se com FABIO SCHIMID (11.07.1975) e geraram os filhos:

- THÉO nascido em, 25.05.2012

- THOR e THOMAS, 03.10.2014

b – MATEUS,(08.02.1986) casou-se com PERDONSINI, ANNA CAROLINA (03.12.--)

12 – IRRAMIR JOSÉ (15.06.1959), casou-se com STEFANELLO, IRES (07.02.1961) e geraram os filhos:

a – JEFERSON (10.03.1984) casou-se com RODRIGUES ELISANDRA. (11.05.--), geraram o filho:

- GUILHERME, nascido em 28.09.2015

b – VITOR nascido em 23.02.1989.

C – LIEGE nascida em 10.10.1994.

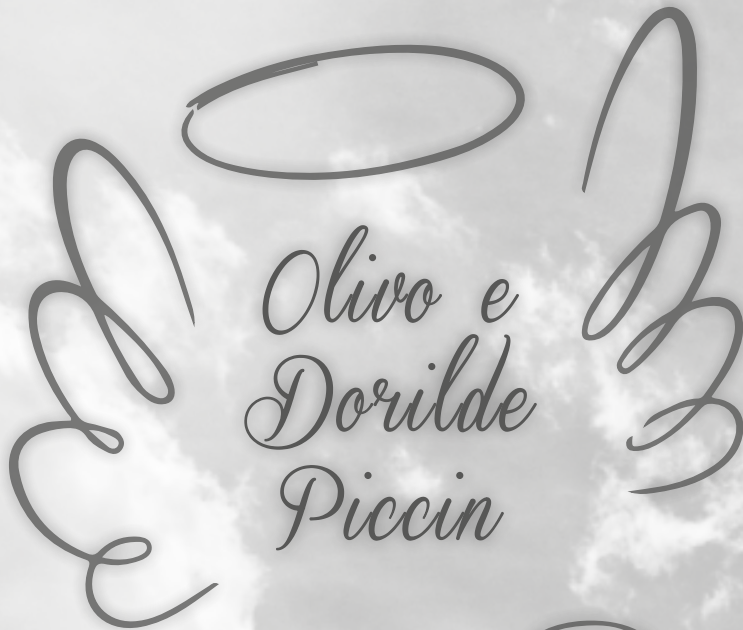
13 – ELENITA nasceu em 13.12.1960 e gerou os filhos:

a – HELLEN PICCIN DE SOUZA (18.01.1985) casou-se com HAERTER, CÁSSIO FERNANDO (24.12.1982) e geraram os seguintes filhos:

- HENRIQUE nascido em 16.03.2013

- HELENA nascida em 06.10.2015

b – MARCO ANTONIO PICCIN DE SOUZA nascido em 26.07.1989.



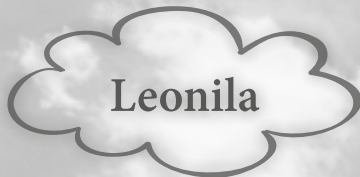
*Olivo e
Dorilde
Piccin*



Otilde



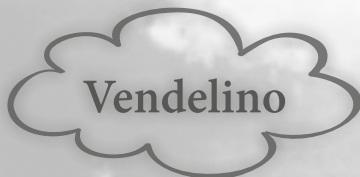
Otilia



Leonila



Rosalina



Vendelino

Natalino

Cleide

Miguelzinho

Dilse

Ivo

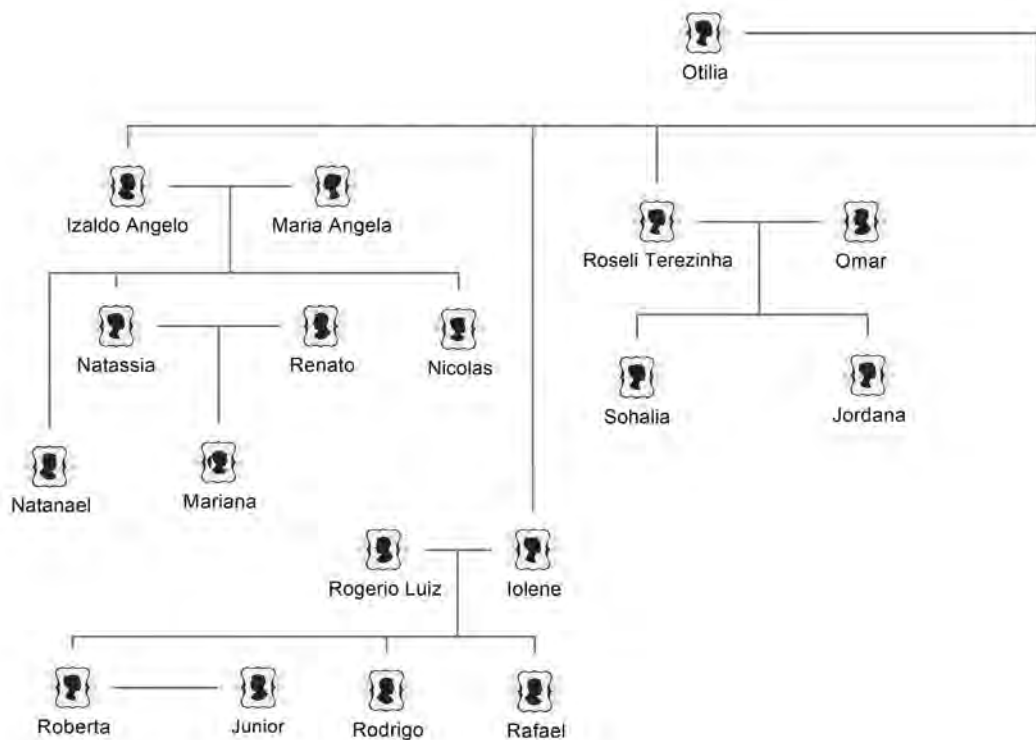
Clair Maria

Elceu

Elenita

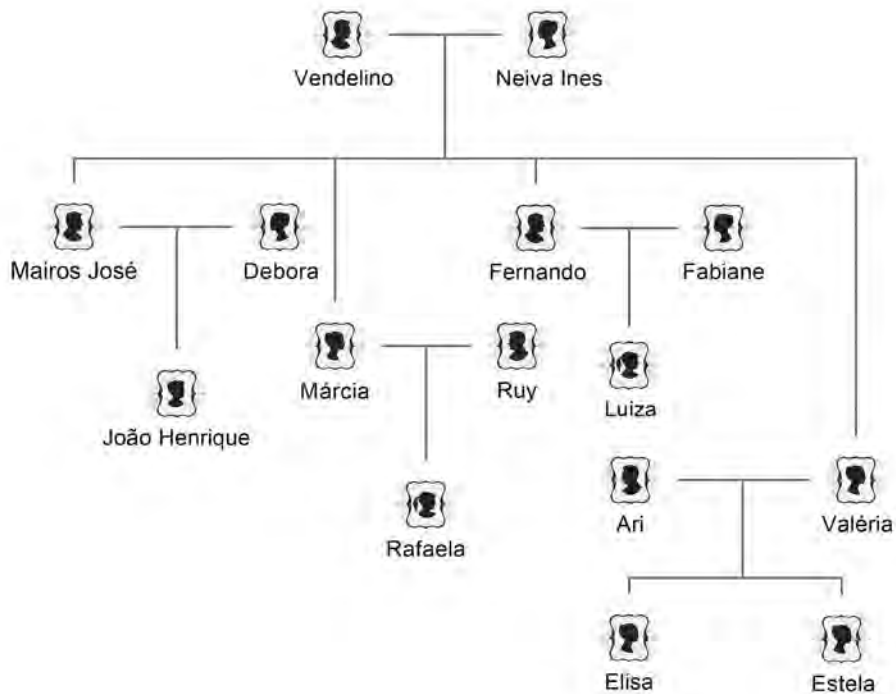
Irramir
José

Família da Otilia

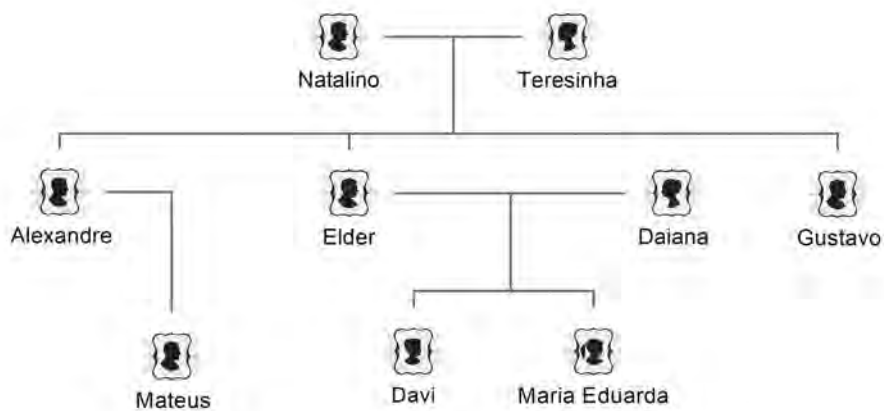




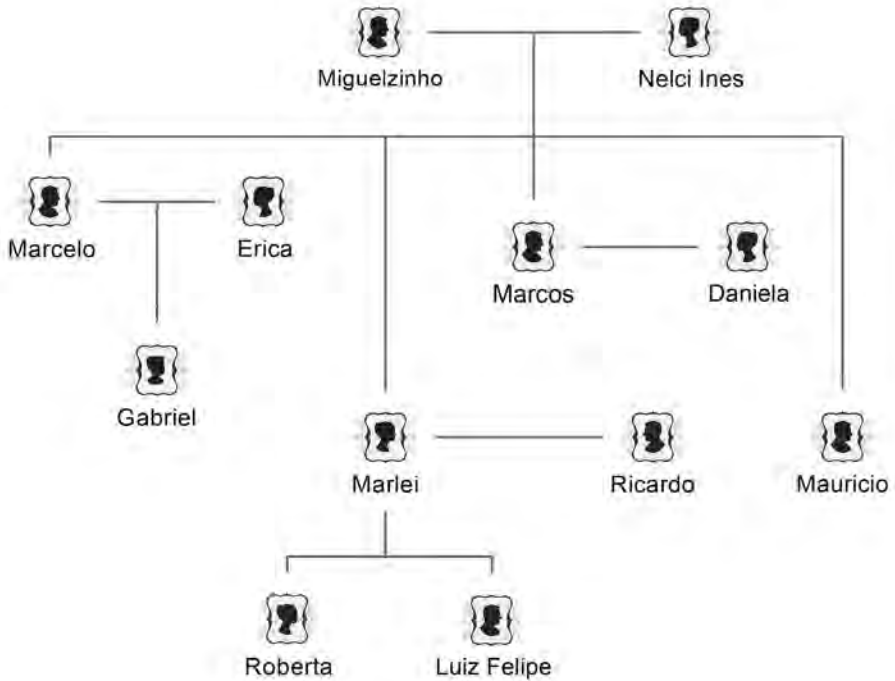
Família do Vendelino



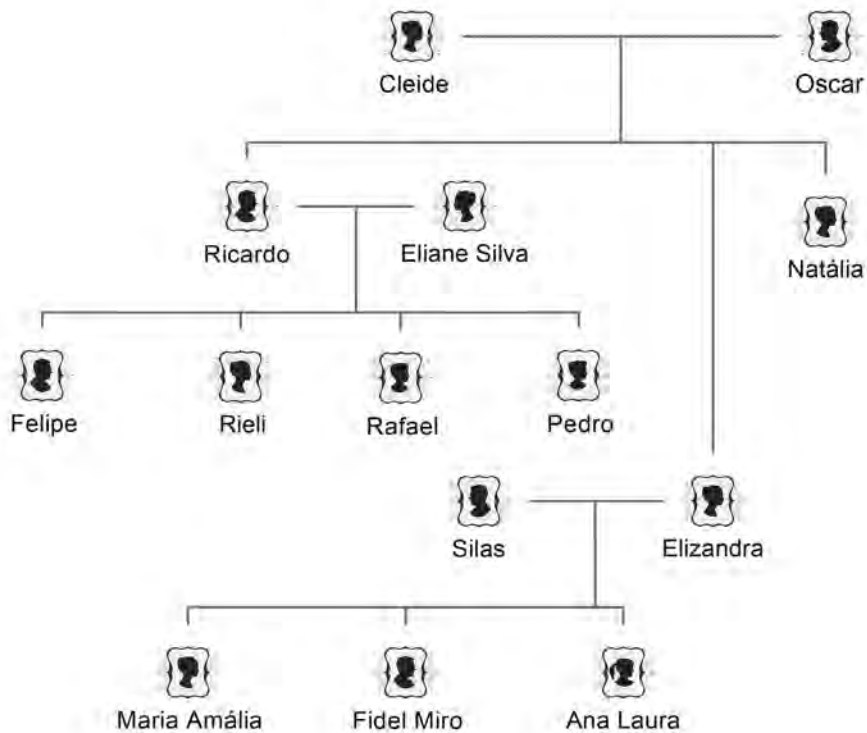
Familia do Natalino



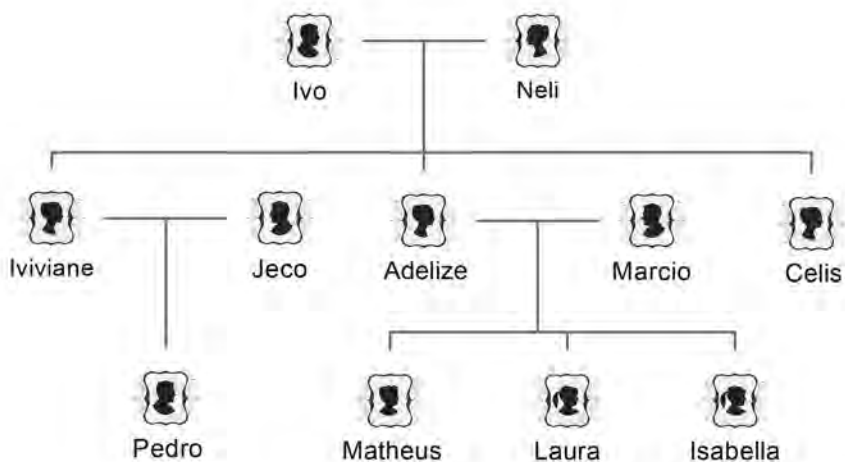
Família do Miguelzinho



Família da Cleide



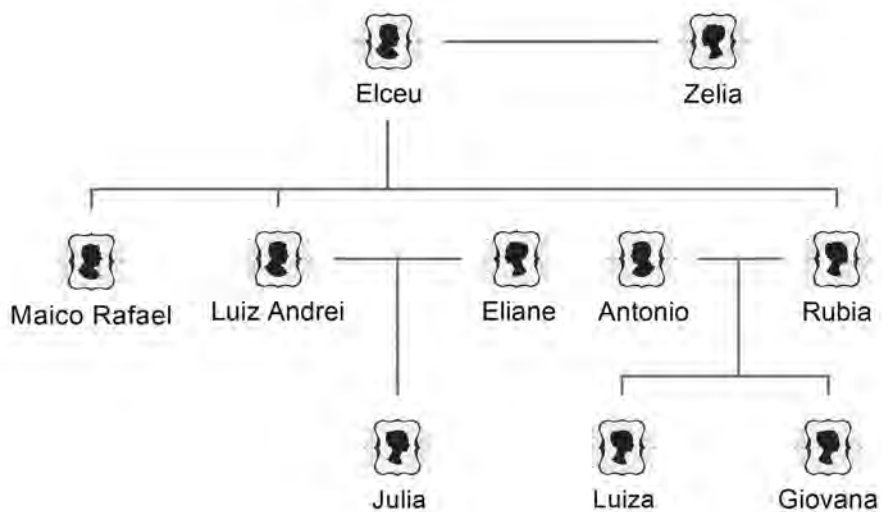
Família do Ivo



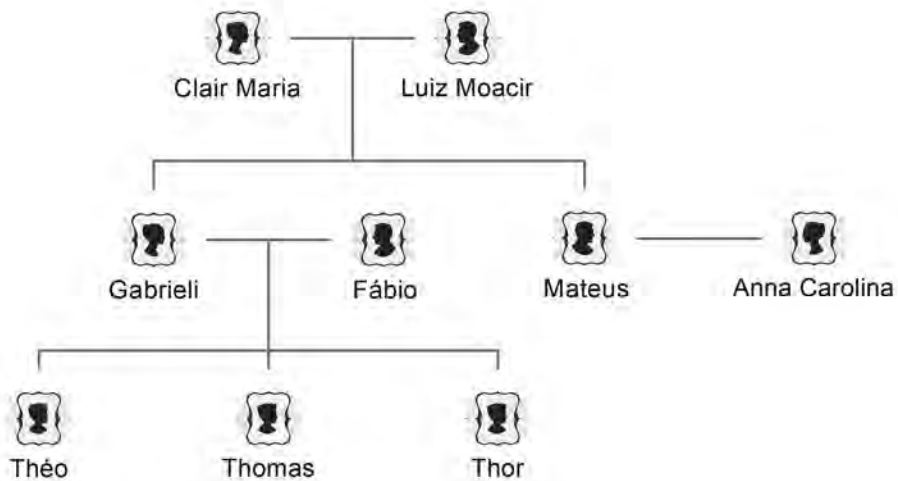
Familia da Dilse



Família do Elceu



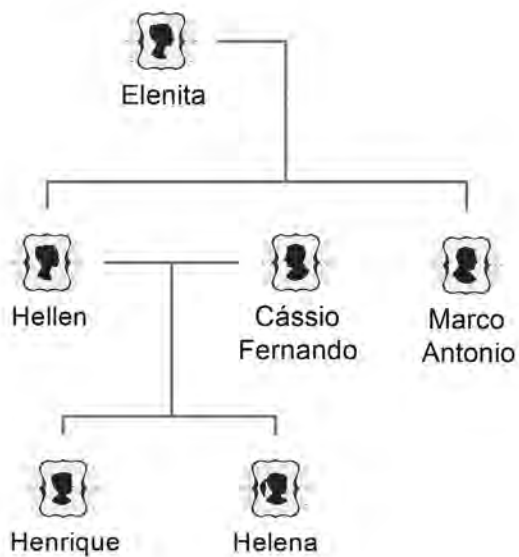
Família da Clair Maria



Família do Iramir



Família da Elenita





7 Anexo

ÂNGELO (ANDOIN) STEFANELLO – ORIGENS

Dicas para pesquisa sobre a família Stefanello me sugeriu Padre Dorvalino Rubin (Stefanello por parte de mãe) que escreveu o texto abaixo, narrando uma visita que fez a Ceggia.

Ceggia, comuna (município) da Província de Veneza, 5.110 habitantes, 2 metros de altitude, foi a cidadezinha em que nasceu meu avô Ângelo (Andoin) Stefanello, pai de mamãe Amábile.

Antes de viajar para a Itália, em 1968, fiz uma visita ao avô Ângelo. Na ocasião comentava-se que ele teria mais de noventa anos, mas não se sabia sua idade exata. É que ele viera criança da Itália, sem documentos. Sabe-se de outros casos semelhantes em que o nome das crianças imigrantes figurava no único passaporte da família. Diante disso, propunha-se a descobrir, na Itália, a cidade de origem dele.

Perguntando de onde viera, vovô repetia, no dialeto familiar, “Ceia, ceia”. Daí podia concluir-se que se trataria de localidade chamada, em italiano oficial, “Ceggia”. Vovô Ângelo referia-se também ao trabalho penoso da família na Itália, naquele tempo, com o cultivo e processamento do “cânego”, o cânhamo e suas fibras. A propósito, repare-se a altitude de apenas 2 metros da cidade de Ceggia e o fato de estar situada muito próxima ao golfo de Veneza no mar Adriático.

Lembro que, estando na Suíça, em 1969, caiu-me nas mãos um mapa muito detalhado do norte da Itália. Depois de buscar entre uma centena de pequeninos nomes de lugares, descobri uma cidadezinha chamada “Ceggia”. Pouco tempo depois, estando em Pádua, na região

onde nasceu meu avô paterno e falando da possível localidade de proveniência de meu avô materno, Beppin Rubin prontificou-se em me levar até “Ceggia”. Só que ele dispunha de pouco tempo. Tinha compromisso logo à tardinha.

Pádua fica a 37 quilômetros de Veneza. Pusemo-nos a caminho e, com efeito, a 70 quilômetros, na estrada que vai de Veneza a Trieste, depois, à Iugoslávia chegamos a “Ceggia”. Uma cidadezinha simpática com uma igreja monumental. Fomos ao “Município”, que corresponde à nossa Prefeitura. Nas comunas italianas, no “Município” funciona a “Anágrafe”, que corresponde ao nosso Registro Civil.

O titular da repartição, atenciosamente, diante das informações de *La Nuova Enciclopédia Universale Garzanti*, 1982, retirou da prateleira um, dois, três livros antigos. Pedi a ele que me permitisse fazer a busca, porque ele tinha outros clientes para atender.

Tomei o livro que fora trazido primeiro, com aspecto mais antigo, e encontrei, quase de imediato, nada menos que o assentamento que procurava, o registro civil de vovô Ângelo. Dispunha-me a anotar os dados na agenda de bolso, quando o funcionário acorreu e se dispôs a me fornecer fotocópia autenticada do documento.

Enviei logo essa fotocópia, mais alguns diapositivos da cidade, ao falecido tio Antero, com quem vovô residia. Soube, depois, que o documento chegou ao conhecimento do vovô Ângelo algo cerca de um mês antes do seu falecimento e que ele ficou muito feliz ao certificar-se de que estava para completar, cerca de um mês depois 94 anos de idade.

No primeiro momento, tio Antero me fez saber que os diapositivos não tinham chegado e não averigui se chegaram mais tarde. Voltei da Europa em março de 1970. Vovô Ângelo faleceu antes de meu regresso.

O casarão dos Stefanello em Ceggia – No registro de vovô figurava, como residência da família, a rua Rivazancana di Sopra, nº 13. Informamo-nos, já na “Anágrafe”, se esta rua ainda existia. O funcionário garantiu-nos que sim e nos disse para continuarmos andando em direção a Trieste, até a periferia da cidadezinha. Logo em seguida, deparamos com uma seta com o nome “Rivazancana di Sopra”, que indicava a entrada à esquerda. Entra-

mos pela rua. Casas pequenas e ralas. O número 13 era uma casa moderna. No alto de uma subida, um velho sobrado. Comentei com Beppin que algo me dizia ser aquele sobrado antigo de alvenaria o casarão dos Stefanello. Lá chegando, um senhor de seus cinquenta anos cultivava a horta-jardim entre o edifício e a rua. Apresentamo-nos. Disse-nos ele que, efetivamente, aquela fora outrora a casa dos Stefanello. Orientou-nos que fôssemos ter com o pai dele. Pedro Trevisan, 87 anos, residente na rua paralela, atrás do sobrado. Com ele obteríamos mais informações.

Era meio-dia. Convidei Beppin ao restaurante. Informei-me do prato típico da região: era o *bollito*, a carne “lessa” de nossos avós, o “fervido”. Claro, com o “fervido” vinha caldo, na *ministra*.

Depois do almoço fizemos a barbaridade de tirar o idoso Pedro Trevisan de sua sesta. Tínhamos pressa, porque Beppin tinha compromisso em casa, e fomos atendidos cordialmente. O ancião de longas barbas brancas nos informou, então, que efetivamente, aquele casarão fora a residência dos Stefanello. Deu-nos a relação de todas famílias que, sucessivamente, tinham residido no sobrado, desde que os Stefanello haviam emigrado. Infelizmente perdi, em viagens e transferências, as anotações que fiz na ocasião. Estou relatando o que lembro. Seu Pedro observou que todos os Stefanello de Ceggia tinham emigrado. Quantos, ele não sabia. Mas sabemos que as famílias patriarcais de nossos antepassados, em situação econômica precária, quase servos da gleba medievais, viviam em mais famílias em um grande casarão.

Lembro que consultei o guia telefônico da região. Em Ceggia não havia Stefanello. Na região, encontrava-se o sobrenome Stefanel e Stefanelli.

Como tinha pressa, não nos foi possível pesquisar no arquivo da paróquia de Ceggia. As paróquias na Itália tem ótima escrita paroquial. Nelas há, por exemplo, um livro gigantesco chamado “Livro das Famílias” que contem grande quantidade de dados desde tempos imemoriais. Um padre que tínhamos encontrado na rua, pouco antes do meio-dia, informara-nos que a secretaria já estava fechada e só abriria as quatro horas. Não nos foi possível esperar até aquela hora. Uma pena, por que assim não tive acesso a dados precisos.



Bibliografia Consultada

CORTEZE, Piccin Dilse. **Ulusses va in America**: história, historiografia e mito da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo, UPF, 2002.

DOCUMENTO ELABORADO POR OCASIÃO DO ENCONTRO DA FAMÍLIA PICCIN. Linha Base, 2005. CD.

G. McCoy. **Source**: The Sunny Side Of Genealogy, Compiled by Fonda D. Baselt, Genealogical Publishing Co., Baltimore, 1988, p.10 (tradução livre e não autorizada: Lea Beraldo)

RUBIN, Pe. Dornalino. **Depoimento escrito**. 1995.

STEFANELLO, Olavo. **Esmeraldas cá na terra, estrelas lá no céu**. São Paulo: Gente,

<http://www.imigrantesitalianos.com.br/>

<http://www.imigrantesitalianos.com.br/arquivonacional.html>

www.caminhosdaitalia.com.br



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

La Polenta

Quando si pianta la bela polenta,
la bela polenta si pianta così,
si pianta così, si pianta così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum.

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando la cresce la bela polenta,
la bela polenta la cresce così,
si pianta così, la cresce così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando fiorisce la bela polenta,
la bela polenta fiorisce così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si smissia la bela polenta,
la bela polenta si smissia così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si taia la bela polenta,
la bela polenta si taia così,
si pianta così, la cresce così,
fiorisce così, si smissia così,
si taia così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,

Cia cia pum, cia cia pum.

...



A necessidade de conhecer suas próprias origens é uma característica de todo ser humano. Foi este o desejo manifestado pelo grupo social da internet que participa do *facebook* sob o título, 1º Encontro da Família Piccin, quando solicitou que eu acrescentasse alguns dados da história desta família no Face e também a árvore genealógica para que pudessem entender melhor as relações de parentesco entre si.

Foi um desafio que veio de encontro com meu desejo de tornar público alguns dados dessa história linda de uma família que teve início no continente europeu e se desenrolou no Brasil de uma maneira muito corajosa permeada por seres humanos comuns, mas sempre alimentados pelo desejo de conseguir uma vida melhor para si e para os seus.

O livro teve que ser escrito em poucos dias, num trabalho exaustivo, de maneira que ficasse pronto para o 1º Encontro da Família Piccin marcado para o mês seguinte. Tenho consciência de que a família merece um trabalho melhor elaborado e com mais detalhes, mas a urgência para a conclusão do mesmo exige que deixemos para um próximo livro algo mais condizente com a história desta família.

Iniciamos então a aventura da família Piccin lendo, **Anjos não morrem: Uma homenagem a nossos pais Olivo e Dorilde Piccin.**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

